

Caridade - Missão

VICENTE
DE PAULO
1660
2010
LUÍSA DE
MARILLAC
350º aniversário

Irmã Elisabeth Charpy, FC, da província da Paris e
Irmã Louise Sullivan da província da Albany dos Estados Unidos
Tradução : P. Lauro Palú, CM - Província do Rio de Janeiro

Quem é Jesus para Luísa de Marillac?

Por que a Encarnação?

Santa Luísa gostava de compreender bem as coisas. Refletia sobre as razões que puderam levar Deus a enviar seu Filho à terra. Uma frase pode resumir seu pensamento sobre o motivo da Encarnação: “Deus jamais testemunhou maior amor aos homens do que quando resolveu encarnar-se”¹

Depois que Adão rejeitou Deus de sua vida e quis fazer de si mesmo seu próprio deus, a Encarnação manifesta a grande atenção de Deus por suas criaturas. Deus quer encontrar-se com o pecador no mais profundo de seu sofrimento e dar-lhe de novo confiança em si mesmo. Deseja que ele compreenda bem a dignidade de seu ser, pois foi feito à imagem e semelhança de Deus. Este desejo divino, insiste Santa Luísa, não pode realizar-se a não ser num total respeito da liberdade da pessoa.

Cada um poderá acolher esta graça divina ou rejeitá-la conforme o que pessoalmente decidir. Deus não condiciona as escolhas humanas. O homem é liberdade; tem, pois, toda a capacidade de fazer escolhas, de dizer sim ou não às iniciativas de Deus.

Realização da Encarnação

Santa Luísa de Marillac gostava de contemplar a Trindade reunida em conselho, procurando como manifestar aos homens todo o seu amor e decidindo junto a Encarnação do Verbo: “Logo que a natureza humana pecou, o Criador, no Conselho de sua Divindade, quis reparar esta falta. E para isso, com um supremo e puríssimo amor, decidiu: uma das três pessoas iria encarnar-se; nisso aparece, mesmo na Divindade, uma profunda e verdadeira humildade” (Escritos, p. 792).

A promessa da Encarnação da segunda pessoa da Trindade se inscreve no plano de amor de Deus pela humanidade. Para Santa Luísa, a humildade define Deus tanto quanto o Amor. Deus não é mais o Deus distante e exigente, o Todo-Poderoso, tão frequentemente apresentado ao povo.

A própria Encarnação já bastaria para fazê-lo reconhecer. Mas muitos outros atos da vida de Jesus vêm confirmá-lo. Por seu nascimento num presépio, “Jesus se fez criança, a fim de facilitar às criaturas o livre acesso até ele” (Escritos, p. 812). Considera “a humildade vivida por Nosso Senhor em seu batismo” (Escritos, p. 813). E, meditando sobre o lava-pés na tarde da quinta-feira santa, Santa Luísa anota: “Não pode haver nada que me impeça de humilhar-me ante o exemplo de Nosso Senhor” (Es-

¹SANTA LUÍSA DE MARILLAC, *Correspondência e Escritos*. Trad. da Irmã Lucy Cunha. Ribeirão Preto, Editora Legis Summa, s. d.; p. 793.

critos, p. 813). Cristo tinha interesse em ser honrado por seus Apóstolos, mas aceitou rebaixar-se até “*lavar os pés de seus Apóstolos*” (Escritos, p. 813).

Maria, a Mãe de Jesus

A Encarnação do Filho de Deus é real. O Verbo se faz carne na Virgem Maria. Com muita emoção e reconhecimento, Santa Luísa contempla a escolha que Deus fez de Maria, essa simples mulher de Nazaré: “*a dignidade de Mãe de seu Filho, para a qual Deus a destinava*” (Escritos, p. 843).

Por experiência pessoal, Santa Luísa de Marillac conhecia a alegria de dar a vida a uma criança, de fornecer-lhe o mais íntimo dele mesma, seu sangue. Ela gostaria de expressar toda a felicidade que a invadia: “*Eis que chegou o tempo de cumprir vossa promessa. Sede para sempre bendito, ó meu Deus, pela escolha que fizestes da Santíssima Virgem (...) e para isso vos servis do sangue da Santíssima Virgem para, com ele, formar o corpo de vosso amado Filho*” (Escritos, p. 919).

Toda a glória de Maria vem de sua maternidade divina. Santa Luísa proclama que Maria é “*a obra-prima da onipotência de Deus na natureza puramente humana*” (Escritos, p. 954). Louvar Maria, por Deus a ter escolhido, não será glorificar o próprio Deus? Deus tanto amou os homens que ele mesmo quis vir para o meio deles, recebendo sua humanidade de Maria.

A humanidade santa de Cristo

Em 1652, Santa Luísa escreve às Irmãs de Richelieu e lhes lembra a importância de contemplar a vida do Filho de Deus durante sua permanência entre nós. Ali descobrirão a verdadeira Caridade: “*A mansidão, a cordialidade e a tolerância não de ser a prática peculiar das Filhas da Caridade, do mesmo modo que a humildade, a simplicidade, o amor à santa humildade de Jesus Cristo, que é a perfeita caridade, são seu espírito. Eis, queridas Irmãs, o que pensei dizer-vos como um resumo de nossos regulamentos*” (Escritos, p. 462).

Em sua longa carta de agosto de 1655 às distantes Irmãs da Polônia, Santa Luísa insiste também na importância de contemplar a vida humana de Cristo: “*honrando assim a Nosso Senhor pela prática das virtudes que ele mesmo, por sua santa humanidade, nos ensinou*” (Escritos, p. 545).

As últimas cartas de Santa Luísa ainda retomam o mesmo tema, como na carta à Irmã Geneviève Doinel, em 1659, por ocasião do Natal: “*Vós me convidais a ir ao presépio a fim de encontrar-me convosco aos pés do Menino Jesus e de sua Santa Mãe. (...) Dele, queridas Irmãs, aprendereis os meios para viver as sólidas virtudes que sua santa Humanidade praticou no presépio, desde o nascimento. De sua infância alcançareis o que necessitardes para chegardes a ser verdadeiras cristãs e perfeitas Filhas da Caridade*” (Escritos, p. 752).

A insistência de Santa Luísa sobre a contemplação da humanidade de Jesus Cristo mostra o quanto desejava que a vida de toda Filha da Caridade fosse um reflexo do rosto de Cristo, de sua infinita bondade, de seu amor incomensurável. Cristo é verdadeiramente a Regra das Filhas da Caridade, como o é de toda a Família Vicentina.

Jesus, o Redentor

Santa Luísa de Marillac, que tem uma boa formação teológica, reconhece que “*a Encarnação do Filho de Deus [é], segundo seu desígnio, por toda a eternidade, para a Redenção do gênero humano*” (Escritos p. 954). A ruptura entre Deus e os homens, provocada pelo pecado, não podia durar para sempre. Enviando seu Filho à terra, Deus quis renovar a Aliança e permitir aos homens que reencontrassem de novo o que dá sentido às suas vidas. A redenção, nota Santa Luísa, é uma nova criação, uma recriação, o que só se pode conseguir ao termo de um longo processo de transformação, de morte e ressurreição de vida.

A humanidade sofredora aparece a Santa Luísa como um prolongamento da humanidade sofrida de Cristo. O serviço do amor de cada vicentino é uma continuação da Redenção, permitindo a todo pobre, humilhado e aniquilado, que possa reviver, ressuscitar, tornar-se novamente um homem vivo, libertado de seu mal, de seu pecado, um homem livre. Esta reflexão espantosa se liga à de São Paulo, que ousa dizer: “*Agora me alegro de sofrer por vocês, pois vou completando em minha carne o que falta nas tribulações de Cristo, a favor de seu corpo, que é a Igreja*” (Col 1, 24).

A Paixão do Filho de Deus é um ato de amor tão profundo que Santa Luísa quis inscrevê-lo no brasão da Companhia das Filhas da Caridade: “*A caridade de Cristo Crucificado nos impele*”. Para

Santa Luísa, esse amor deve animar e inflamar o coração de toda Filha da Caridade para o serviço de todos os necessitados. Na fórmula com que termina suas cartas, Santa Luísa menciona muitas vezes esse amor inaudito manifestado por Jesus Cristo na Cruz. “*Sou, no amor de Jesus crucificado, vossa humilde serva*”. Luísa deseja, para si mesma e para as pessoas a quem escreve, que estejam repletas do mesmo amor que levou Jesus a morrer na Cruz. Fez suas as palavras de São João em sua primeira epístola: “*O amor consiste nisto: Não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele que nos amou e nos enviou o seu Filho como vítima expiatória por nossos pecados. É nisto que de agora em diante conhecemos o amor: Jesus deu a vida por nós e também devemos dar nossa vida por nossos irmãos*” (cf. 1 Jn. 4, 10, 16).

A Eucaristia

A Encarnação não se limita ao tempo da vida de Cristo. Jesus, quando chega sua Hora, encontra um meio de prolongá-la, de conseguir ficar para sempre conosco. Santa Luísa se maravilha com esta invenção extraordinária da Eucaristia: “*A imensidão do seu amor para conosco não se contentou com isso, mas, querendo unir inseparavelmente a natureza divina com a natureza humana, realizou-a após a Encarnação, na admirável invenção do Santíssimo Sacramento do Altar, no qual habita, continuamente, a plenitude da divindade da segunda Pessoa da Santíssima Trindade*” (Escritos, p. 898).

Parece que Deus quer dizer e repetir ao homem toda a profundidade do seu Amor. A Encarnação já manifestava este profundo desejo de união; a Eucaristia a realiza de um modo ainda maior. Santa Luísa de Marillac não se detém no aspecto “memória e sacrifício” da Eucaristia, mas fala longamente da comunhão, “*esta ação tão admirável e incompreensível aos sentidos humanos*” (Escritos, p. 942).

Receber o Corpo de Cristo é, segundo Santa Luísa, tornar-se participante desta Vida de Deus. Cristo se dá em alimento para que o homem busque nele uma energia nova para cumprir suas tarefas no mundo. À imitação de Cristo, o cristão é chamado a doar todo o seu ser, se deseja levar vida e amor a seu próximo. A recepção da comunhão nos traz uma força excepcional, pois nos dá “*capa-*

cidade de nele viver, tendo-o vivo em nós” (Escritos, p. 943).

Em resposta a tal dom de Deus, Santa Luísa deseja para si mesma e para aquelas a quem acompanha em sua caminhada espiritual, “*uma suave e amorosa união com Deus*” (Escritos, p. 942-943). É de fato possível a um ser humano ter tal união com seu Deus? O tempo de ação de graças que se segue à comunhão vai permitir-nos dizer novamente a Deus toda a nossa alegria e todo o nosso reconhecimento, porque Cristo, vindo a nós, nos torna semelhantes a ele! Alegremo-nos “*admirando este surpreendente invento e esta amorosa união, pela qual Deus, vendo-se em nós, faz-nos, uma vez mais, à sua semelhança, com a comunicação não só de sua graça, mas dele próprio*” (Escritos, p. 943). Santa Luísa não sabe como agradecer a seu Senhor e seu Deus que tenha querido permanecer assim na terra, para que todos os homens possam oferecer-lhe toda a glória que sua Santa Humanidade já recebe no céu.

Conclusão

Santa Luísa tem uma percepção muito forte e toda interior do Amor divino. Como os escritores bíblicos, Santa Luísa reconhece que “*Deus é um fogo devorador*” (Hb 12, 26). No cotidiano de suas vidas, as Irmãs e todos os que partilham o carisma vicentino são chamados a deixar esse fogo divino invadir seu ser, a acolher a plenitude do Amor que o Espírito vem infundir em seus corações. É nesta relação que encontrarão forças, energia e criatividade para cumprir seu serviço de Amor junto aos que sofrem da pobreza em todas as suas formas antigas e novas.

Santa Luísa de Marillac reconhece que ir no seguimento de Jesus e servi-lo em seus membros sofredores é amar com um “*amor não comum*” (Escritos, p. 952), isto é, com um amor forte, sólido, que não se deixa abalar à menor dificuldade. Este amor forte se traduz, concretamente e no dia-a-dia, pela atenção a cada um, pela mansidão, pela bondade para com todos. Quanto mais o Amor de Deus cresce em nós, mais tomamos consciência da dignidade de cada um, de sua liberdade, do respeito que lhe é devido. Foi assim que Cristo expressou seu Amor.



Perguntas para a reflexão pessoal e em grupos

Que aspectos do Jesus apresentado por Santa Luísa de Marillac ressoam em seu coração?

Como podemos aprofundar em conjunto a compreensão do carisma vicentino, para que possa impregnar-nos e orientar nosso serviço?

